



UnB

INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS – TRADUÇÃO

TRADUÇÃO E INCLUSÃO: ATOS DE RESISTÊNCIA

THAÍS FERNANDES MACIEL

Brasília

2021

THAÍS FERNANDES MACIEL

TRADUÇÃO E INCLUSÃO: ATOS DE RESISTÊNCIA

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção de menção na disciplina Projeto Final do Curso de Letras – Tradução, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Norma Diana Hamilton, do curso de Letras – Tradução da Universidade de Brasília.

Brasília

2021

THAÍS FERNANDES MACIEL

TRADUÇÃO E INCLUSÃO: ATOS DE RESISTÊNCIA

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção de menção na disciplina Projeto Final do Curso de Letras – Tradução, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Norma Diana Hamilton, do curso de Letras – Tradução da Universidade de Brasília.

Aprovado em outubro de 2021

BANCA AVALIADORA

Prof^a Dr.^a. Norma Diana Hamilton

Professor(a) Avaliador(a)

Professor(a) Avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

Toda a minha gratidão e todo o meu amor à “Donana”, por me acompanhar durante toda a minha trajetória. Nada disso seria possível sem você ao meu lado, acreditando no meu sucesso, mesmo quando nem eu acreditava mais. Você é a força motivadora que me inspira a conquistar o mundo por você, por nós. Obrigada por nutrir essa flor que sou eu, até quando o solo estava cansado e cinza. Fizemos um jardim juntas, e cada flor dele é sua.

Ao meu pai Cláudio, por cada sorriso sincero e pela genuína admiração por meus sonhos e ambições.

Aos meus queridos Irene, “Dasdô” e Castelo, por me ensinarem desde jovem conquistar o que desejo com luta, dedicação e amor.

À minha querida orientadora Norma Hamilton, por aceitar trabalhar comigo, acreditar no meu sonho e me fazer ter fé no processo e em mim mesma.

E a todas que vieram antes de mim (e que virão depois) e marcaram o seu legado com luta, sabedoria e resistência.

Dandara dos Palmares, Conceição Evaristo, Tereza de Benguela, Carolina Maria de Jesus, Marielle (...) Presentes!

Quando a mulher negra se movimenta, toda a
estrutura da sociedade se movimenta com ela.

Angela Davis

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta uma reflexão sobre a escassez de vozes feministas negras na tradução de conteúdo intelectual no Brasil, mesmo diante da necessidade de debater e transformar questões raciais. O trabalho propõe a tradução de alguns capítulos do livro “Killing Rage” de bell hooks, nunca antes traduzido oficialmente para o português. Traz uma reflexão sobre o processo tradutório da obra a partir da Teoria Funcionalista. Salienta a importância do debate entre ativistas negras brasileiras e norte-americanas na luta antirracista, tendo como alicerce o feminismo negro.

Palavras-Chave: Raiva Assassina; bell hooks; Racismo; Feminismo Negro; Teoria Funcionalista.

ABSTRACT

This final paper presents a reflection about the lack of black feminine voices in the translation on intellectual content in Brazil, regardless of the need for debating and transforming racial issues. The work proposes the translation of the book “Killing Rage” by bell hooks, never translated officially to Portuguese before. It brings up a reflection on the translation process of the work, based on the Functionalist Theory. Aware for the importance of the debate between Black Brazilian and North American female activists fo the antiracist cause, it is grounded on Black feminism.

Keywords: Killing Rage; bell hooks Racism; Black Feminism; Functionalist Theory.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFLEXÃO TEÓRICA	12
2.1 2.1 Questões crítico-sociais e tradução	
2.2 Teoria Funcionalista	15
3. METODOLOGIA	22
3.1 Processos iniciais referentes à tradução da obra de Hooks	23
3.2 Problemas e estratégias de tradução conforme Baker	24
3.3 Tradução Comentada	26
4. RELATÓRIO DE TRADUÇÃO E SEU PROCESSO	29
4.1 Questões preliminares e gerais	29
4.2 Quadros de termos e expressões	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

O texto selecionado para a elaboração deste projeto de conclusão de curso é a obra *Killing Rage: Ending Racism*, de bell hooks (1995). Trata-se de um texto crítico social, que apresenta características biográficas com questões sociais que podem ser debatidas a fim de colaborar com a luta antirracista.

É nítida para mim a relevância de hooks para a produção de conhecimentos emancipatórios. Sua crítica ao racismo fundamenta-se nas teorias que circundam as políticas raciais, contribuindo para a emancipação da população afro-estadunidense através da educação.

O livro *Killing Rage* debate o sentimento de raiva causado pelas injustiças raciais, e hooks defende que esse sentimento possa ser utilizado como um catalizador de mudanças positivas, por meio de processos de críticas políticas e sociais que visam erradicar premissas racistas e sexistas. Ela argumenta em favor da decisão de confrontar o racismo e o machismo e desafia os leitores a questionar a sua participação nesse confronto.

A linguagem acessível e assertiva utilizada por hooks foi necessária para expandir o alcance da obra e incluir mais leitores, de forma que o conhecimento e o debate emancipatório sejam acessíveis para todos os meios possíveis, não apenas o meio acadêmico.

Neste trabalho, foram traduzidas quarenta laudas do livro citado, nas quais estão a introdução e capítulos com maior relevância para estudo e análise de intelectuais negros e de outros dispostos a confrontar as situações cotidianas de tensão racial.

Intelectuais negros que estão empenhados em acabar com a dominação, exploração e opressão em todas as suas inúmeras manifestações, racismo, sexismo, elitismo de classe etc., serão politicamente desafiados a questionar a maneira como trabalhamos, o que fazemos, como falamos e escrevemos, para ver se estamos ou não trabalhando de uma maneira que ultrapasse fronteiras. Tomei decisões específicas sobre a natureza do meu trabalho no interesse de torná-lo acessível a um público mais amplo. Essas decisões envolvem fazer uma redação que pode não impressionar meus colegas acadêmicos. (...) assumir esse risco parece menor, dado o possível bem que pode advir quando o esforço é feito para compartilhar o conhecimento informado pela política progressista de diversas maneiras (HOOKS, 1995, p. 235).

Dentre os objetivos deste trabalho, propõe-se a realizar a tradução de quarenta laudas dos primeiros capítulos de *Killing Rage: Ending Racism* (HOOKS, 1995). Pretende-se refletir, a partir da teoria funcionalista, sobre os termos lexicais e expressões do texto de hooks que selecionamos, palavras e expressões essas que carreguem uma carga simbólica cultural que agregue ao sentido global do texto. Faz-se necessário discutir sobre as estratégias tradutórias

que desenvolvemos para conseguir traduções mais adequadas, e, por fim, buscamos desenvolver comentários sobre a tradução que possam guiar o leitor para ter maior compreensão das questões raciais discutidas por bell hooks.

No Brasil, a tradução de obras acadêmicas de autoria feminina negra ainda é tímida, e este trabalho tem objetivo de dar visibilidade para tradutoras e autoras negras, mostrando a importância do ato para a conscientização de uma sociedade machucada. Encontrar editoras negras e tradutores não-brancos se torna uma tarefa difícil, mesmo em um mundo digital em que todo o tipo de informação é facilmente acessível com apenas alguns cliques.

De um lado, o ano de 2020 apresentou grande crescimento de autores negros no mercado, tornando o catálogo bibliográfico disponível mais diverso.¹ Obras de autoras essenciais para estudos étnicos de gênero, como Angela Davis, bell hooks e Patricia Hills Collins, foram publicadas em larga escala ao longo do ano. O período foi tão significativo para a temática intelectual racial no Brasil que o livro mais vendido do ano foi o *Pequeno Manual Antirracista*, de Djamila Ribeiro, na loja Amazon.

Atribui-se, grande relevância às editoras que foquem na tradução de vozes negras no debate antirracista e que se preocupem em ecoar um autor negro. Acredito que, enquanto a hegemonia branca dentro das editoras ainda for realidade, os interesses da população negra não serão ouvidos.

No que pondera Costa (2013, p. 15), “assimetrias, injustiças, relações de dominação e dependência existem em cada ato de tradução, em cada ato de colocar o traduzido a serviço da cultura tradutoral”.

Pensando nessa citação e a produção de autoria negra, percebe-se que ainda existe um estigma contra vozes negras, que marca a sociedade mesmo depois do fim do colonialismo formal, apagando e distorcendo a história e a cultura negra em benefício do estabelecimento da cultura dominante. Em minha observação, o grupo dominante eurocêntrico controla, influencia e manipula a circulação, a produção e a sobrevivência de obras de autoria negra no campo literário. Entende-se, assim, a missão de bell hooks para “escrever às margens da história”. É necessário debater a invisibilidade das mulheres negras para entender a ausência de suas vozes no mercado literário.

¹ Segundo publicação do jornal “O Globo”, em dezembro de 2020.

Ao descrever a importância da intelectual negra na descentralização da produção de saberes, bell hooks também se torna peça-chave na compreensão de quão importante e poderoso é o acesso ao conhecimento e à leitura. “Vivendo numa sociedade fundamentalmente anti-intelectual (...)” (HOOKS, 1995, p.1). Dessa forma, ela afirma o quão importante o trabalho que ativistas negras fazem.

Pensando na relevância de desenvolver o diálogo entre as ativistas negras brasileiras e norte-americanas, é importante destacar algumas estatísticas sobre as mulheres no Brasil. As mulheres negras representaram 68% do total das mulheres assassinadas por ano. De acordo com o Mapa da Violência de 2020, mulheres negras enfrentam uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 5,2 – quase o dobro quando comparada à das mulheres não negras. E esses dados continuam aumentando ao longo dos anos. Por isso, falar sobre feminismo negro e tradução é uma necessidade.

Tanto na sociedade brasileira, quanto na norte-americana, de onde fala bell hooks, há uma luta constante para que a voz da mulher negra seja ouvida, porque continua sendo estigmatizada por relações patriarcais e de repressão da negritude. São vozes silenciadas nos mais diversos ambientes. Segundo Grada Kilomba (2010), “alguém pode falar quando sua voz é ouvida. Nesta dialética, aqueles(as) que são ouvidos(as) são também aqueles(as) que ‘pertencem’. E aqueles(as) que não são ouvidos(as), tornam-se aqueles(as) que ‘não pertencem’” (KILOMBA, 2010, p.3). Nessa perspectiva, observamos que, enquanto não traduzida e não ouvida, a mulher negra está em um lugar de “não pertencer”.

A tradução da obra de bell hooks só tem a somar ao debate racial no Brasil. É necessária a inserção de vozes negras e femininas no combate à negligência em sociedades que ainda carregam estigmas históricos contra mulheres, negros e outros grupos. Mesmo em uma sociedade moderna, considerada avançada, há machismo e há racismo – são problemas atuais, enfrentados pela população negra e feminina no Brasil.

A autora deste TCC se identifica como mulher afro-brasileira, que deseja contribuir para as transformações sociais problemáticas no Brasil, principalmente aqueles relacionados à categoria de raça. Acredito que o tema deste TCC se justifica pela contribuição potencial para debates sobre questões sociais ligadas à interface de gênero raça, assim como para a visibilidade da autoria de ativistas negras, principalmente de bell hooks.

Apresentamos nos próximos capítulos: Reflexão teórica, Metodologia, Relatório da tradução e seu processo, e por fim, nossas Considerações finais.

2 REFLEXÃO TEÓRICA

2.1 Questões crítico-sociais e tradução

Susan Bassnett (1998, p.123) destaca a redefinição do objeto de estudo nos estudos da Tradução. Mencionando discussão que teve com Andre Lefevere (BASSNETT; LEFEVERE, 1990), observa que “o que é estudado é o texto inserido em sua rede de signos culturais de origem e destino e, dessa forma, os Estudos da Tradução têm sido capazes de utilizar a abordagem linguística e ir além dela” (tradução autoral). Bassnett se refere à virada cultural nos Estudos da Tradução, ponderando uma possível redefinição de objeto de estudo.

A atenção às dinâmicas sociais e culturais – as ocorrências dos fatos da vida; de que forma eles ocorrem; as consequências dos eventos para a humanidade; como as diversas culturas se comportam mediante determinados acontecimentos; as relações de poder na sociedade etc. – são tratadas por teóricos como Homi Bhabha, Franz Fanon, Stuart Hall, no âmbito dos Estudos Culturais, mas também estão presentes nas reflexões de estudiosos do campo da tradução, tais como Lawrence Venuti, Susan Bassnett, André Lefevere, dentre outros (COSTA, 2013, p.3).

Além disso, para o debate fomentado neste trabalho, vale destacar o estudo de Andre Lefevere (BASSNETT; LEFEVERE, 1990) sobre o controle do sistema literário. Lefevere apresenta dois fatores que garantem ao sistema literário não perder o passo em relação aos outros subsistemas constituintes da sociedade. Enquanto um componente está ligado ao sistema literário, o outro encontra-se fora deste. Em essência, essas descrições são atribuídas, respectivamente, aos termos “profissional” e “patronagem”.

A patronagem é descrita por Lefevere (2007, p. 34) como a autoridade de pessoas específicas ou instituições que pode fomentar ou impedir a leitura, escritura e reescritura de literatura”. É nesse universo exterior que estão os editores, as editoras e a mídia (2007, p.35). Para ele, essa patronagem pode acontecer por três elementos: (i) o componente ideológico, que restringe tanto a escolha, quanto o desenvolvimento das obras; (ii) o componente econômico, que garante que apenas profissionais específicos sejam capazes de ganhar a vida com seus feitos; e (iii) o componente de status, relacionado ao prestígio profissional do escritor.

A compreensão de que existe um fator externo no mercado literário que controla e domina as obras é uma explicação assertiva para a demanda alarmante de conteúdo de

intelectuais negros, uma vez que o interesse econômico da classe dominante é prestigiar aqueles que apoiam o sistema que beneficia o grupo dominante em relação aos outros grupos.

Pode-se dizer que as contribuições de André Lefevere (2007) trazem uma crítica ao poder de controle exercido pelos grupos dominantes e demarcam um desafio tradutório, que podemos usar para dialogar com o tema deste trabalho: a lacuna de tradutores negros e de tradução de autores negros é nítida, e o preenchimento dessa lacuna é essencial para a inserção da negritude no mercado literário.

A concentração comum e histórica no protagonismo branco e masculino na área literária contribuiu para a negligência de autorias negras e femininas, fazendo-se necessário o debate apresentado por Hooks em *Killing Rage* para diversificar o eixo de protagonismo. Apesar de ter ganhado espaço nas livrarias, a vivência da autoria feminina e negra ainda carece de visibilidade.

Segundo o *Journal of Leisure Research*, *Killing Rage* é escrito a partir de uma perspectiva feminista negra que critica o racismo, mas permanece desafiadoramente otimista na crença de que o futuro pode ser imaginado sem racismo. Hooks confronta diretamente questões difíceis, como racismo internalizado, sentimentos de vitimização, amizade entre mulheres negras e brancas, identidade negra e autodeterminismo, feminismo revolucionário como oposição ao racismo, resistência e um mundo futuro sem racismo. Ela pondera sobre a falta de vozes femininas no discurso sobre a política de raça, enquanto faz análises críticas, necessárias e valiosas para o envolvimento da mulher negra no discurso político.

O cenário literário é dominado por vozes que não representam as mulheres negras, que há tantas décadas agregam aos debates contra o racismo e o machismo e fomentam a luta antirracista nas mais diversas áreas. Do ativismo prático ao intelectual, a mulher negra sempre esteve em posição de luta em diversos recortes históricos na sociedade.

2.2 Teoria Funcionalista

Neste capítulo, debruçamo-nos sobre as perspectivas da Teoria de *Skopos* (VERMEER, 1978), palavra grega que indica propósito estabelecido. A Teoria de *Skopos* deve ser alcançada na cultura-alvo, por meio de uma série de questões que o tradutor passa a gerenciar no processo

de produção textual e sempre tendo o leitor final como foco. Ela servirá como base de fundamentação do desenvolvimento e análise da tradução realizada pela autora deste trabalho. Antes, faremos um breve panorama do contexto sobre os estudos voltados para a tradução.

Dos pensadores antigos aos contemporâneos, há diversas contribuições para compreender e analisar tais estudos. Como afirma Nida (1993, p.155), não existe uma teoria única unificada de tradução que sirva como parâmetro único e universal; há sim, uma vasta gama de teorias dispostas que possibilitam o estudo da tradução através de lentes diferentes.

A dicotomia surgida entre a tradução fiel e literal é apontada por Pinheiros (1998, p.51) como a controvérsia mais antiga da tradução. Tradicionalmente, no contexto dos romanos antigos, em relação à tradução de textos sagrados, a tradução literal, palavra por palavra, era a única maneira de ser “fiel” à palavra de Deus, sendo o tradutor nada além de um mediador.

Segundo o trabalho de Christiane Nord (1997), estudiosa alemã do modelo funcionalista de tradução, as abordagens funcionais da tradução não foram inventadas no século XX. Prova disso é que, ao longo da história, encontramos tradutores, literários ou bíblicos em diferentes situações com diferentes interpretações. Entretanto, a 'tradução adequada' era frequentemente associada à fidelidade palavra por palavra ao texto de origem, mesmo que o resultado nem sempre estivesse apropriado para o propósito pretendido.

Rompendo com a tradução literal, Martinho Lutero utilizou-se dos princípios de Cícero e São Jerônimo para traduzir as palavras da Bíblia através do sentido. Esse princípio infere do tradutor a interpretação destes signos atrelados ao texto e cede aos receptores da língua-alvo um papel de leitura, compreensão e transmissão de sua interpretação.

Por essa linha, busca-se uma adaptação baseada na interpretação do tradutor, em vez de simplesmente reproduzir palavra por palavra, sem a subjetividade da representação fornecida pelo tradutor. Para Lutero, o tradutor busca fomentar ao leitor sensação e experiência semelhantes àquelas provocadas no leitor do original.

Voltando à obra de Nord (1997), temos que traduzir é uma atividade humana indicada por um propósito. Logo, é necessária uma visão ética e humanizada, e não apenas sistemática sobre a tradução.

Nessa abordagem, que se alia a “Linguística de Texto e Ciências da Comunicação”, é levada em consideração a função comunicativa do texto. Sendo o texto um evento comunicativo, em tempo e espaço, são necessários, para a tradução, ao menos dois interlocutores dispostos a se comunicar para fomentar um objetivo completo (PONTES;

PEREIRA, 2017). O recorrente conceito de propósito e objetivo presentes na abordagem funcionalista é adequado à execução deste trabalho, uma vez que reconhecemos a relevância tácita de expandir para o público do texto traduzido a gama de conhecimentos da autora original.

O tradutor deve ser fiel não apenas à autora da obra original, mas a si e ao público receptor do texto traduzido (TT), pois não é seu objetivo apenas replicar o texto em outro idioma, mas sim carregar a comunicabilidade da tradução e “ofertá-la” ao público do TT. Para isso, é necessária uma análise adequada do texto, para que o tradutor compreenda todas as suas características (NORD, 1997).

Em essência, ao trabalhar a tradução de uma obra cuja relevância exprime-se em seu propósito, esta monografia levou em consideração os conceitos de estudiosos contemporâneos da abordagem funcionalista na Tradução: o da Tradução como uma ação com um propósito (NORD, 1997), o tipo de texto (REISS, 1971) e a Teoria de *Skopos* (VERMEER, 1978).

É então que o processo de tradução passa a ser guiado pelo propósito do *Skopos* (VERMEER, 1996), ou seja, se a tradução cumpre com as necessidades do seu iniciador, se está apropriada ao seu leitor e ao seu contexto final, e não apenas se ela é equivalente ou a fiel ao texto-fonte, de modo que a tradução passe a existir como um texto independente na cultura de chegada.

A Teoria de *Skopos* foi introduzida nas Teorias da Tradução em 1970 por Hans J. Vermeer. Essa teoria foca sobretudo no propósito da tradução, para produzir um resultado com a mesma função. O texto traduzido é determinado pelo seu *Skopos*. O texto traduzido oferta uma informação para a cultura-alvo, inicialmente oferecida pelo autor do texto-fonte. Além disso, o texto traduzido deve ser coerente tanto internamente quanto em relação ao texto original.

Com base nessa teoria, depreende-se que a tradução é analisada não pela equivalência de significados, mas pela medida em que se adequa ao propósito do autor do texto-fonte. Vale ressaltar que o conceito de equivalência é problemático e variável. Então, tendo em vista a função geral do seu texto, tem-se como satisfatório cumprir o objetivo comunicativo proposto pelo autor, e não meramente duplicar/espelhar as suas falas para a língua portuguesa.

Com o conceito de *Skopos* devidamente explicado, seguimos para o estudo de Reiss (1971), ponderado por Tezcan (2015), para quem a tradução é vista como fenômeno complexo que se concentra em vários fatores. Nessa linha, a tradução não se trata apenas da mudança de

palavras ou frases do texto original, mas considera diferentes aspectos, com seleção cuidadosa das expressões, ajustando-as criteriosamente.

Também é importante reconhecer o tipo de texto, de maneira a ajudar o tradutor na escolha da estratégia apropriada para a tradução (TEZCAN, 2015). Embora haja variações substanciais entre conteúdo e a forma, os textos têm estruturas retóricas subjacentes que os tornam invariáveis (WILSS, 1996). Por isso, a teoria da tradução se move para uma nova direção com a introdução do tipo de texto (MUNDAY, 2016).

A abordagem funcionalista de Katharina Reiss aponta o texto como uma unidade de tradução, e não apenas palavras ou frases. A sua abordagem está relacionada à linguística de textos e à ciência de comunicação, visualizando a tradução como um ato comunicativo. Para Reiss (1971), o texto traduzido deve funcionar da mesma forma em que o original: o leitor do texto traduzido deveria ter a mesma reação do leitor do texto original; a intenção do autor do original deve ser recuperada na tradução, mas sem obliterar a voz do tradutor.

Com isso, entende-se que identificar a função do texto é tão importante neste trabalho quanto traduzi-lo. Como pretendemos promover a discussão sobre raça e gênero, em um texto interdisciplinar ensaístico acadêmico, é de suma importância compreender a função do texto para traduzir não apenas as falas da autora, mas sim as suas intenções.

Segundo explicado por Tezcan (2015), a abordagem funcional de Reiss (1971) utiliza as três maneiras de categorização (*organon model*) propostas pelo psicólogo Karl Bühler (1934) das funções da linguagem. Essa tripartição dos aspectos da linguística indica três situações comunicativas possíveis, conforme se desenvolve a seguir (BÜHLER, 1934, p.68).

A primeira delas trata da comunicação fática que inclui notícias, fatos, intenções e julgamentos, sendo dominante a linguagem funcional. O principal interesse seria a transferência de informações, e a estrutura do texto é baseada no nível semântico e sintático. Nesse caso, o texto é do tipo informativo.

A segunda, da composição criativa, que dá forma ao conteúdo artístico e cujo autor cria seu mundo e decide a verbalização. Por isso, o autor poderia utilizar os recursos expressivos da língua para dispor livremente suas opiniões. O texto então, possui estrutura em duplo nível: nível semântico sintático e nível artístico, dando origem ao texto tipo expressivo.

E, finalmente, a terceira situação comunicativa abrange a indução de respostas comportamentais, quando os leitores podem mostrar reação aos textos, com a forma dessa reação sendo determinada pelo receptor de texto, denominado o tipo expressivo.

A abordagem de Reiss (1971) determina um conjunto de soluções pragmáticas e sistemáticas baseadas no estudo das funções do texto fundamentada no modelo de Bühler (1934) e na concepção de *Skopos*. As possíveis funções, pontuadas no parágrafo acima, podem ocorrer de forma híbrida, apresentando características das três situações em questão.

No caso da obra escolhida para análise neste trabalho, diz-se que possui caráter informativo, ao trazer informações relevantes para o debate. Possui também caráter expressivo, ao trazer expressões metafóricas, em que se percebe oscilação entre a linguagem denotativa e conotativa que formam a obra.

Reiss e Vermeer (1984), ao final de 1980, uniram-se para colaborar com uma possível elaboração de uma teoria geral ao dispor em conjunto aos seus trabalhos. Martins Junior e Savedra (2018) explicam o objetivo dos autores: englobar maior quantidade de textos, relacionando, para isso, os principais pontos de suas teorias. Com disso, o texto original seria considerado uma oferta de informação em determinada língua e cultura, enquanto o texto traduzido buscaria mantê-la, ofertando-o ao público da cultura-alvo e adequando-se à sua demanda de compreensão.

A contribuição de Vermeer configura precisamente o escopo da Tradução. Nessa linha teórica, reflete-se acerca da relevância da compreensão e do reconhecimento do objetivo principal da tradução, como determinado pelo contratante e ajustado com o tradutor. Esse objetivo será o fundamento que determinará as estratégias do tradutor, facilitando a tomada das decisões necessárias para solucionar os problemas tradutórios a serem enfrentados.

Noutro aspecto, para Martins Júnior e Savedra (2018), a contribuição de Reiss (1971) para a teoria geral da Tradução refere-se às diferentes tipologias textuais. É etapa importante definir e avaliar os tipos de texto envolvidos e suas respectivas funções, atrelando-se ao texto original e mantendo na tradução a mesma função definida pelo autor.

Previamente ao modelo funcionalista como abordagem tradutória,² os pesquisadores da área circundavam o dilema da melhor estratégia de tradução: como manter a mesma beleza, a mesma estética e os mesmos conceitos do autor original? A tradicional tradução palavra por palavra não satisfaz a necessidade de compreensão mútua entre os leitores do texto-fonte e do texto traduzido. Ao focar massivamente em manter na tradução as mesmas palavras com exatidão, o tradutor pode esquecer de um princípio simples e relevante na corrente teórica do

² Lembremos que o ano de 1980 presenciou a criação de diversas abordagens referentes aos Estudos de Tradução, denominadas como funcionalistas.

funcionalismo: a comunicabilidade. Vale lembrar: este trabalho, com tradução proposta no anexo, não pretende obter um espelho de cada palavra, mas sim espelhar cada fragmento de sentido que compõe o texto como um todo.

No século 20, o debate entre tradução palavra por palavra e tradução de sentido expandiu-se para abranger o termo “equivalência”, disseminado por teóricos como Nida (1993). Nida contrastou, então, a equivalência formal e a dinâmica, defendendo que o tradutor se pautasse pelos objetivos que tem para escolher a forma mais adequada.

Na equivalência formal, o tradutor segue fielmente a estrutura gramatical presente no texto original e prioriza a tradução precisa, geralmente a tradução palavra por palavra. Assim, o texto se aproxima o máximo possível de sua forma original. Na equivalência dinâmica, o tradutor evita se prender à estrutura original, pois a sua prioridade nesse caso é oferecer uma leitura mais dinâmica e fluída ao leitor.

Não obstante, diversas foram as críticas acerca do conceito de equivalência. Teóricos como Holmes (1988) enxergam o termo “equivalência” como uma falácia e optam pelo uso do termo “correspondência”. Para Bassnett, a ideia de equivalência é muito complexa, pois as línguas apresentam realidades distintas umas das outras e possibilidades de expressões diferentes. Esse debate é controverso até os dias atuais, apresentando diversas teorias que debatem inclusive a inexistência de uma equivalência ideal.

Como reação ao caráter restritivo das abordagens descritas acima, surge a abordagem da linguística de texto ou abordagem pragmática. Por ela, todo o texto é a unidade de tradução e significado, opondo o foco da abordagem linguística em léxico e gramática.

O estudo de tipologia de texto de Reiss (1971) pertence a essa área pragmática, tendo em vista que a autora foi uma das primeiras estudiosas a propor a consideração comunicativa dentro das traduções e a analisar a relevância do tipo de texto para a definição das estratégias tradutórias. Em essência, o tradutor deve ater-se à função predominante do texto.

Para Reiss e Vermeer (1984), o debate sobre o conceito de gênero não se iniciou até que a linguística de texto fosse estabelecida como subdisciplina da área da linguística, expandindo o escopo para além do nível de frase e se desenvolvendo em uma teoria de texto totalmente orientada para a pragmática. Uma análise de gênero não é possível sem a consideração de seu aspecto pragmático.

Como estão presentes todos os textos, a sintaxe e a semântica não seriam o suficiente para uma classificação de texto. Para a pesquisa de gênero, tornou-se relevante considerar a

situação como base para uma profunda análise dos padrões de linguagem usados na produção, composição, análise, compreensão, recepção textual, etc., estendendo-se além das regras de sintaxe e semântica.

Dentre as abordagens funcionalistas, a teoria de *Skopos* de Hans Vermeer (1978) surge com o desagrado com as abordagens propostas na linguística para a tradução. *Skopos*, termo grego que define propósito e objetivo, é o que gera a determinação de como será feita a tradução. O autor pondera que a situação do texto de origem pode não ser a mesma da cultura de destino, entendendo, então, que a tradução seja produzida de forma a se adequar ao propósito relevante na cultura de destino.

Eis então que Reiss e Vermeer unem os seus trabalhos para desenvolver uma teoria mais geral da tradução, abordando os conceitos de oferta de informação e tradução. Os dois publicaram em conjunto o título *Translational Action: Theory and Method* para fornecer o que descrevem como a teoria geral da tradução, "suficientemente geral (...) e suficientemente complexa, para cobrir uma infinidade de casos individuais" (SCHÄFFNER, 1998, p. 236).

Segundo eles, o texto é uma oferta de informação, e a tradução é uma oferta de informação de determinada língua e cultura para membros de outra cultura em sua língua. Por essa razão, sustentam que as necessidades dos receptores do texto alvo determinam o seu *Skopos*. Em essência, é necessário considerar os aspectos culturais e não somente os linguísticos ao utilizar essa abordagem.

É de se considerar também o trabalho de Christiane Nord, funcionalista estudiosa da Tradução alemã e de grande relevância para o desenvolvimento deste trabalho por conceituar a tradução enquanto atividade guiada por um propósito. Nord (1997, p. 30) entende que o tradutor tem, de fato, responsabilidade de manter a lealdade aos ideais da autora, mas sem negligenciar a fidelidade a si mesmo e ao público-receptor: o tradutor assente o *Skopos*.

Em outra vertente, Vermeer (1978) defende que o texto de destino seja coerente e compreensível para o público-alvo, considerando a sua devida cultura e situação. Ele acredita que a fidelidade entre o texto de origem e o texto de destino deve ser estabelecida nessa relação intertextual.

De tudo, apesar de a abordagem funcionalista se expressar de diferentes maneiras por seus estudiosos, podemos dizer que é a teoria do *Skopos* que os une. Para Vermeer (1978, p. 236), o *Skopos* de uma tradução é o propósito definido pelo contratante e ajustado pelo tradutor. Essa noção pode ser aplicada à tradução como um processo, à tradução como um produto e ao

modo de traduzir. Para Nord, o propósito de uma tradução pode demandar uma tradução livre ou “fiel”, ou qualquer coisa entre os dois extremos, dependendo de sua finalidade (VERMEER, 1978, p. 29). Em essência, um único texto pode gerar diferentes traduções adaptadas para os diferentes *Skopos*.

Para mais, Nord afirma que o princípio da lealdade é considerar a particularidade cultural dos conceitos tradutórios, aprazando uma restrição ética para a gama ilimitada de *Skopos* possíveis de um texto particular (NORD, 2007, p.2-3). Lealdade abrange, nesse sentido, a responsabilidade dos tradutores em seu papel de mediadores entre dois contextos culturais, em relação aos seus parceiros, ao autor, ao cliente da tradução e ao público receptor (NORD, 2001, p.185).

Ao tradutor, cabe a função de não distorcer as intenções do autor. Em suma, a lealdade garante o acordo entre o texto original e o texto traduzido. O tradutor deve também lealdade ao público-alvo, através de notas de rodapé ou prefácio, para que o público compreenda como chegou ao resultado obtido. Vale ressaltar que Nord diferencia o conceito de lealdade de fidelidade ou equivalência: enquanto lealdade é uma relação entre o tradutor e seus parceiros, fidelidade é o conceito utilizado para referir-se à semelhança linguística ou estilística entre o texto original e o traduzido (NORD, 2001, p.185).

Fica evidente, portanto, a multiplicidade de interpretações e traduções intrínsecas ao texto. Por isso, a lealdade à função é relevante para limitar a quantidade de trabalhos distanciados da mensagem do texto original. É esse senso de consciência e confiança, baseado na lealdade, que o tradutor deve ter para considerar todos os elementos envolvidos no processo tradutório.

Depreende-se, então, que os autores utilizados para fundamentar esse capítulo de reflexão teórica são aqueles que solucionam problemas tradutórios de forma pragmática e funcionam como um guia para tradutores, auxiliando-os a identificar, analisar e resolver questões problemáticas enfrentadas na tradução.

3 METODOLOGIA

3.1 Processos iniciais referentes à tradução da obra de Hooks

Nos primeiros processos de tradução na proposta desta monografia, coletaram-se inicialmente trabalhos acadêmicos de autoras negras, selecionando-se o que mais interessou para a tradução – a obra *Killing Rage*, de bell hooks. Paralelamente à leitura dessa obra em inglês, também foram lidas algumas traduções em português de outros títulos da autora, para melhor compreensão de alguns processos tradutórios e reflexões de outros tradutores ao operar o mesmo trabalho da mesma autora.

Com o início da tradução por si, termos de difícil correspondência, que poderiam causar problemas de intraduzibilidade (BASSNETT, 1980), foram destacados para posterior estudo, através do uso de glossários e dicionários. Os termos e expressões de complicada tradução são culturalmente específicos e, por isso, poderiam causar estranhamento ao leitor, se não traduzidos adequadamente.

A primeira tradução realizada neste trabalho ocorreu de forma simultânea à leitura de teorias do processo tradutório e pesquisas em glossários de termos específicos, como, por exemplo, o *Urban Dictionary* e o dicionário Webster. No estudo dos termos, buscou-se compreender significado, definição, contexto histórico. Finalizada essa primeira versão da tradução, voltou-se outra vez ao texto original, para pesquisar e analisar novos termos e expressões específicos dos temas de gênero, raça, classe, interseccionalidade, mulheres negras progressistas etc.

Em seguida, foi realizada pesquisa bibliográfica de uma coletânea de textos teóricos focados na função da tradução, com sugestões de possíveis estratégias para o processo de solucionar problemas de tradução, como uma forma de treinamento de tradutores. Exploraram-se os conceitos da Teoria de *Skopos* de Vermeer (1978), do tipo de texto de Reiss (1971), da tradução embasada na ética de Nord (1997) e do *coursebook* de problemas e soluções tradutórias de Baker (1992).

Depois, redigiu-se um capítulo de reflexão para revisar a tradução. Nessa etapa do trabalho, foram reunidos em tabelas termos e expressões culturalmente específicos da cultura de partida, assim como termos e expressões relacionados à temática deste estudo. Nas tabelas, traduziram-se tais termos e expressões. Em seguida, foram justificadas as escolhas e as estratégias para solucionar os problemas de tradução.

A partir do local de fala de jovem negra que se interessa pela crítica social, além de destacar os termos que causaram estranheza ao tradutor, cingiram-se termos que continham neles um forte sentido histórico.

É de se lembrar, aqui, a importância da ética na tradução, mantendo as referências culturais, a temática e o estilo de escrita da escritora. Abordar estratégias tradutórias que buscam manter a fluência do texto traduzido permite compreender a tendência etnocêntrica atrelada ao ato de traduzir. A tradução ética visa o diálogo entre as culturas expressas.

Nessa toada, o processo de “estrangeirização” consistiria, de um lado, em seguir à risca os elementos culturais do texto original, independentemente da compreensão do público do texto traduzido. De outro, o processo de domesticação focaria na compreensão do público-alvo, através da adaptação do sentido de um trecho ou palavra para “torná-la brasileira”, substituindo os elementos culturais expressos no texto de partida para os elementos culturais inseridos na cultura do texto de chegada.

É necessário manter o diálogo e a riqueza cultural no processo de tradução, de forma que (i) não se esconda o elemento estrangeiro e (ii) não se prejudiquem a compreensão e o envolvimento do leitor com o texto. O uso dessas duas estratégias varia em cada situação, e o estudo da mais adequada tem de ser avaliado minuciosamente.

Ressalte-se, por fim, que, na tradução do texto, houve situações em que foram empregados estrangeirismos, como *apartheid*, *backlash* e *plantations*. No entanto, o seu uso não comprometeu o sentido global do texto, e a inserção dessas palavras é justificável por não serem raras em debates e textos raciais.

3.2 Problemas e estratégias de tradução conforme Baker

De início, é importante destacar que Mona Baker (1992) reconhece a controvérsia acerca do termo “equivalência”, muito embora o utilize em seu trabalho. Para ela, esse termo é contingente, ou seja, não é um conceito axiomático. Com isso, o conceito mais adequado para este trabalho seria o de correspondência: onde se lê “equivalência” no trabalho de Baker, compreende-se como “correspondência” aqui.

A importância de Baker (1992) revolve a apresentação feita de problemas presentes na área da Tradução e suas devidas soluções. Sua obra *In Other Words* oferece uma introdução à prática de tradução.

Nela, são indicados exemplos de traduções reais para ilustrações de soluções de Baker de como resolver os problemas de tradução. Diferentes significados dados por pares ou grupos podem complicar a classificação de palavras, e isso pode ser um problema para o tradutor, que precisará prestar muita atenção ao texto original, para que tudo pareça natural e seja fiel ao significado de origem (BAKER, 1992).

In Other Words também preza pela abordagem sistemática para o treinamento de tradutores e discorre sobre as principais complexidades envolvidas ao traduzir um texto de um idioma para o outro. Baker (1992) fornece um programa explícito com meandros da prática da tradução, ao mesmo tempo em que explora a relevância de algumas das áreas-chave da teoria linguística moderna, indicando como a sua compreensão orienta certas decisões exigidas do tradutor. Para tanto, baseia-se em percepções de pesquisas atuais em áreas do estudo lexical, da linguística textual e da pragmática, buscando manter um vínculo constante entre língua, tradução e ambiente social e cultural.

Baker também examina outras áreas da linguagem, do significado das palavras e de expressões individuais até categorias gramaticais e contextos culturais, bem fundamentando-se na teoria linguística moderna. A autora parte dos níveis mais simples para os complexos e amplia o seu foco gradualmente.

Sua obra explica com clareza os conceitos e posições teóricas explorados em cada capítulo, relacionando-os a exemplos de textos traduzidos em uma variedade de idiomas, ainda que o inglês fosse suficiente para compreendê-la. Finalmente, concluem-se os capítulos com exercícios práticos, que fornecem ao tradutor a oportunidade de testar os temas discutidos.

Eis que a combinação de discussão teórica e aplicação prática fornece a base sólida para o estudo da tradução como uma atividade profissional. É fato que a palavra, em seu idioma original, pode expressar conceito totalmente desconhecido na cultura de destino. Abstrato ou concreto, pode estar relacionado a uma crença religiosa, a um costume social ou mesmo a um tipo de alimento, sendo frequentemente referido como "específico da cultura". A exemplo, há o conceito abstrato de *privacy* em inglês, de tradução difícil para outras línguas e raramente compreendido por pessoas de outras culturas.

Também não se encontra equivalência do termo *speaker* (da *House of Commons*) em idiomas como russo, chinês e árabe. No caso do russo, o termo é frequentemente traduzido como "Presidente", o que não reflete o papel do Presidente da Câmara dos Comuns como uma pessoa independente que mantém a autoridade e a ordem no Parlamento. Mais um exemplo de

conceito concreto é *airing cupboard*, que, novamente, é desconhecido para os falantes da maioria das línguas.

Os problemas tradutórios indicados por Baker (1992) foram relevantes para este estudo, porque problemas similares foram encontrados no decorrer da tradução de *Killing Rage*. Em essência, uma das estratégias primordiais utilizada aqui foi consultar os problemas tradutórios referenciados por Baker e observar qual foi o caminho proposto para ela para solucioná-los, evidenciando a relevância do uso de referências bibliográficas assertivas para a execução e desenvolvimento de seu trabalho.

3.3 Tradução Comentada

Nesta seção, apresentamos a metodologia de pesquisa denominada como “tradução comentada” para a apresentação do nosso relatório do processo de tradução utilizado para traduzir as quarenta laudas propostas para nós de alguns dos capítulos da obra *Killing Rage*, traduzido neste trabalho para “Raiva Mortal”, de bell hooks.

A tradução comentada, segundo Chesterman (2002) é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva onde, ao mesmo tempo que traduz-se uma obra, realiza-se comentários ao decorrer do processo tradutório. Esses comentários incluirão algumas discussões a respeito da tradução, uma análise dos aspectos do texto-fonte, e ponderar as decisões tomadas e como chegou nelas em tipos específicos de problemas de tradução.

Segundo Torres (2017), o comentário é tomado como um conteúdo de teor explicativo de um texto traduzido. Devido a sua secundariedade (uma vez que a tradução e um comentário sempre localizam-se após um outro texto), há uma relação em comum de interpretação, isto é, com a leitura. Dito isso, há uma relação intrínseca entre a leitura, comentário e tradução.

Os comentários, além de conduzir o leitor ao decorrer do processo tradutório, da análise de ambos os contextos do texto-fonte e do texto alvo, também é uma forma de visibilidade do tradutor, uma vez que, para Sardin, as funções da nota do tradutor são, por princípio interpretativa, seriam exegetica e “meta-”, “assinal[ando], por sua própria presença, que a fronteira que separa tradução e comentário é vaga, instável, e que o comentário está sempre na tangente do texto”. (ZAVAGLIA, RENARD, JANCZUR, 2015. 331-352). Os comentários de uma tradução ajudam a interpretação do leitor, auxiliando-o ao esclarecer aspectos como sentido, de interpretação e de figura ao redor de um texto.

Ao tratar-se de um trabalho acadêmico, os comentários não são completamente anexos a tradução; os dois integram um mesmo conjunto e, mesmo que sejam independentes algumas vezes, são, no contexto da leitura, seja pela banca examinadora, ou pelos eventuais estudiosos, de sim ilar relevância, já que um não tem razão de ser sem o outro. Dito isso, o comentário também pode ser considerado como uma modalidade tradutória, uma vez em que ele traduz a própria tradução.

Para melhor leitura e visualização por meio da banca examinadora e dos possíveis estudiosos que tenham interesse na tradução e nos comentários propostos nesse Trabalho de

Conclusão de Curso, foi utilizado o modelo de tabelas em que a tabela da esquerda é o texto original, e que tanto o texto original quanto a tradução, através dessas tabelas, possam ser lidos paralelamente, linha por linha, o que é um padrão comum em textos bilíngues em que seja interessante para o autor tanto a tradução do texto em si, como o percurso que o tradutor fez desde o texto original até o texto traduzido. Por esse motivo, dispor três quadros em que seja mostrado ao leitor tanto o ponto de partida, para que ele se familiarize com os termos utilizados pela própria autora do livro, tanto o ponto de chegada, recebendo as informações em seu próprio idioma, assim como um relatório que indique ao tradutor o caminho tradutório percorrido até aquele resultado. Estas leituras paralelas de textos dentro de um mesmo texto oferecem ao tradutor tanto o conceito de tradução como um processo, como a da tradução como um produto, em que seja possível através dos comentários, dispostos na última tabela, sejam discutidos aspectos culturais, semânticos e de significado dentro de um texto.

Para a leitura da tradução e dos comentários realizados por nós ao decorrer desse trabalho, desejamos que a ordem que o trabalho seja lido seja primeiramente a tradução, para que o leitor tenha acesso ao produto realizado; e secundamente, os comentários, para que, uma vez tendo adquirido o acesso ao produto, o leitor deste poderá, posteriormente, possuir acesso ao processo tradutório que o envolveu. Tendo lido nesta ordem, o leitor poderá retomar à leitura da tradução e gerar duas perspectivas sobre a tradução: uma gerada pela leitura primária, sem acesso aos comentários, outra gerada após a leitura dos comentários, auxiliado pela interpretação do processo crítico do tradutor.

Para Sardin (2007), através da nota que explica ou interpreta uma obra literária e seu processo, o tradutor oferece ao leitor as ferramentas necessárias contextuais para a compreensão imediata no texto. Logo, o tradutor busca, através de notas denominadas como exegéticas, que tem como o objetivo esclarecer e produzir mais conhecimento do que sentido. Além disso, também há a função metatextual desses comentários, aonde o tradutor visa pela discussão e explicação do processo.

Na tradução de Torres publicada, ela utiliza o modo de tradução espelhada da obra de Machado de Assis “O cônego ou metafísica do estilo”, seguida da análise da tradução proposta por ela. Ela explica sobre citações e alusões do texto, tanto as de natureza simbólica (autores, obras de arte, personagens, fatos históricos referidos por Machado de Assis), como as menções a lugares e instituições não-ficcionais. Baseando-se nos modelos de comentários propostos por

Torres, os comentários que fizemos ao decorrer da tradução basearam-se em explicar conceitos culturais e históricos atrelados ao texto.

Escolhemos um livro de uma intelectual afro-brasileira, Djamila Ribeiro, para que seja feito um diálogo entre a ambos os contextos raciais estadunidense e brasileiro e gênero vivenciando de forma diferente, mas de aspectos semelhantes a realidade étnica enfrentada por pessoas negras em ambas as sociedades indicadas, ainda estigmatizadas por resquícios de sexismo e racismo oriundos do período colonial vivido por essas pessoas nestes espaços, uma vez que ambas as obras, tanto *Killing Rage* de Hooks que aponta para a necessidade emergente de que seja feito um debate racial, passional e genuíno em prol da desconstrução de vestígios coloniais na sociedade, com o objetivo de uma equidade racial baseada no debate antirracista e na luta protagonizada pela mulher negra intelectual, Djamila Ribeiro em sua obra “Pequeno Manual Antirracista” oferece dinâmicas para ponderar o mesmo debate antirracista, abordando temas que compartilham diversas semelhanças com Hooks, como o feminismo negro, a representação e o papel da branquitude na luta antirracista, a realidade da mulher negra em sociedades marcadas pela dominação majoritariamente masculina e branca. A linguagem utilizada por Hooks e por Ribeiro é direta, assertiva, e sem rodeios, considerando que a função apelativa de ambas é a crescente necessidade de mudança social, e de possuir a voz da mulher negra a partir de uma perspectiva de protagonismo. Pela semelhança das suas autoras ao tratar-se da questão étnica e de gênero, pela semelhança de linguagem, sentido e de objetivo baseado nas duas obras citadas acima, que demonstram as diretas e diversas tentativas de acrescentar as suas vivências como intelectuais negras para politizar, educar e conscientizar os leitores desses livros a refletir e provocar mudanças sociais baseadas nas demandas colocadas por essas autoras, realizaremos um diálogo entre essas duas obras, para que possamos relacionar e identificar as questões culturais presentes tanto na cultura do texto original quanto do traduzido.

Dessa forma, passemos para a tradução.

4 RELATÓRIO DE TRADUÇÃO E SEU PROCESSO

4.1 Questões preliminares e gerais

Nesta seção, abordam-se os problemas tradutórios encontrados ao longo da tradução e as respectivas soluções encontradas, relatando os caminhos e escolhas adequados durante o desenvolvimento e conclusão da tradução proposta nesse Trabalho de Conclusão de Curso.

Trecho 1	Tradução
RACE TALK (título do capítulo)	DEBATE RACIAL

Ao realizar pesquisa sobre o termo *race talk*, foram encontrados diversos conteúdos de pensadores negros e progressistas que propuseram a necessidade de diálogo sobre a questão racial em prol do progresso da luta antirracista. Segundo um artigo do *Counseling Today* (2015), *race talk* é definido como um diálogo que envolve tópicos de raça, racismo, branquitude e privilégio branco.

O *race talk* é geralmente marcado por emoções intensas e pode gerar um ambiente adverso para alguns participantes. Apesar da relevância do debate racial, alguns tendem a evitar esses tópicos para minimizá-los. Ademais, ao pesquisar os textos que tratam sobre *race talk* e os textos de “debate racial”, obtêm-se estilos de materiais semelhantes com objetivos semelhantes de fomentar e desenvolver esses tópicos.

O diálogo promovido nesse comentário aproxima o estudo de Hooks com o de Ribeiro, que enfatizam em seus estudos a interseccionalidade entre raça e gênero. Hooks defende que é necessário um diálogo antirracista que parta de uma juventude passional, ativa e disposta a utilizar todo esse histórico de luta e resistência como uma força catalizadora de mudanças sociais, em uma sociedade que deve assumir práticas e estratégias antirracistas, assim como defende Ribeiro. Uma vez que o racismo não é um ato de vontade individual, mas sim um sistema complexo de opressão que gera desigualdades e abismos, o debate pautado na questão social e racial mostra-se cada vez mais necessário e atual.

Trecho 2	Tradução
----------	----------

When race and racism are the topic in public discourse the voices that speak are male.	Quando raça e racismo são o tópico de discursos públicos, as vozes que falam são masculinas
---	--

The voices that speak are male é um efeito poético e metafórico utilizado pela autora para reafirmar o poder de fala associado ao masculino, uma vez que as palavras *voices* e *speak* apresentam uma ideia de sonoridade – não são literalmente as “vozes” que falam, e sim os homens. Foi mantida nesse trecho a expressão poética, associando a “fala” às “vozes”, e não aos homens em si, como se as vozes deles fossem tão importantes para o contexto descrito por Hooks que adquiririam personificação, isto é, a característica humana da fala atribuída a algo não-humano (as vozes).

Vale ressaltar que a presença da autora no campo político em sua posição como uma ícone de luta e ativista negra é uma nítida característica que associa a sua obra a um campo político e ideológico que aponta uma maior delicadeza dentro da própria localização de um grupo marginalizado dentro de um grupo marginalizado, uma vez em que, no contexto da autora Hooks, assim como o contexto político enfrentado na atualidade no Brasil, a presença de pessoas negras em lugares de poder é mínima em relação as brancas, e quando estas ocupam esses espaços, só o ocupam entre o público masculino, segundo a autora. Ribeiro também traz no “Pequeno Manual Antirracista” o debate sobre lugares de poder. Ela questiona a ausência de pessoas negras em lugares em que se concentra um grande poder aquisitivo, e pondera que é necessário questionar-se o motivo de estar em um ambiente em que grande parte das pessoas negras que estão lá presentes estão em posições de servir mesas, limpar o ambiente, entre outros. As duas autoras defendem que fatos como este não são isolados e devem ser questionados e mudados ativamente uma vez que a aceitação de estereótipos e arquétipos racistas embasados no racismo estruturais pode tornar mais longa e mais tardia a luta antirracista.

Trecho 3	Tradução
There is no large body of social and political critique	Não há um corpo muito vasto de críticas sociais e políticas

by women on the topics of race and racism. When women write about race we usually situate our discussion within a framework where the focus is not centrally on race.	de vozes femininas nos debates sobre raça e racismo. Quando mulheres escrevem sobre raça, nós geralmente situamos nossa discussão dentro de um quadro onde o foco não é centralizado no debate sobre a raça.
---	--

Nesse caso, Hooks se insere dentro do sujeito ao incluir-se em “nós”. Apesar da liberdade de ocultar o sujeito em alguns casos, é importante manter o sujeito “nós” após citar “mulheres”, uma vez que Hooks se identifica ao grupo que ela menciona. O protagonismo acerca de intelectuais negras que estejam ativas no debate racial, como ponderado por Hooks nesse trecho, tem uma nítida relevância expressa no trabalho de Ribeiro e de Hooks acerca da elaboração de ações como o apoio a políticas educacionais afirmativas, meios para transformar os ambientes de política e trabalho, incentivo a leitura de obras de autoria negra e entre outras ações que visam, por fim, combater a violência racial.

4.2 Quadros de termos e expressões

Nesta sessão, coletaram-se os termos do texto que exigiram um trabalho minucioso de pesquisa de definição, contexto histórico e origem. Os termos mais relevantes para análise – seja por seu grau de complexidade, seja por sua relevância histórica, seja por sua dificuldade tradutória – serão dispostos em quadros, juntamente com o contexto em que se encontram na obra e na tradução. No final desses quadros, foi escrito um parágrafo para cada termo.

Texto original	Texto traduzido
Race Talk (título do capítulo)	Debate racial
Talk race “I find myself reluctant to "talk race" because it hurts.”	Debater sobre raça
Progressive black women	Mulheres negras na luta

<p>“Not listening to the voices of progressive black women means that black political discourse on race always suffers from critical gaps (...)”</p>	
<p>Crackers, coons and spooks</p> <p>e.g: I was born into a world where folks talked about crackers, coons, and spooks with hushed voices and contorted facial expressions.</p>	<p>brancos pobres, macacos e negões</p>
<p>Miss Ann</p> <p>“(...)and if we are not we are still whining and beggin ole massa and kindly miss ann for a handout.”</p>	<p>Princesa Isabel</p>
<p>(to) put on airs</p> <p>“(...)if we put on airs and act like we fancy intellectuals</p>	<p>Empinar o nariz</p>
<p>maistream main media</p> <p>“Yet it is not this insightful writing that receives the attention of the mainstream mass media.”</p>	<p>mídia de massa <i>mainstream</i>.</p>
<p>beggin ole massa</p> <p>and if we are not we are still whining and beggin ole massa and kindly miss ann for a handout.”</p>	<p>Implorando por pão velho</p>
<p>face-saving apology</p> <p>“...by offering an insincere, face-saving apology.”</p>	<p>Desculpa para tirar o seu da reta.</p>
<p>(to) think long and hard</p>	<p>Pensar profundamente.</p>

“It is painful to think long and hard about race and racismo”	
---	--

Ao traduzir o primeiro termo disposto no quadro, *race talk*, foi utilizada a sua definição e a sua recorrência em textos que promovem a relevância de dialogar sobre raça, apontando os contrastes raciais presentes na sociedade. Com a correta definição do termo *race talk*, entende-se o termo “debate racial” como o conceito mais próximo e assertivo do visado pela autora original, uma vez tem o mesmo efeito simbólico de promover debates que apontem a situação da pessoa “racializada” em sociedade.

Na tradução do segundo termo disposto no quadro, *talk race*, foi utilizada a mesma base proposta na tradução do primeiro termo. Acrescentou-se a preposição “sobre”, que significa “a respeito de”, para manter a fluidez na leitura do texto traduzido. Como o verbo *talk* é especificado em relação ao tema *race*, trava-se um “debate sobre raça”.

A tradução do terceiro termo *progressive black women* para “mulheres negras na luta” baseou-se em algumas razões. Se “progressive” fosse traduzido para “progressistas”, tratar-se-ia de conceito cultural na língua portuguesa que não seria adequado ao conceito da autora do livro original. Hooks se refere a mulheres revolucionárias, militantes, que se colocam ativamente na luta antirracista. Por isso, a tradução como “mulheres negras na luta” engloba todas as mulheres negras em situação de luta.

Uma curiosidade sobre o termo “*progressive*”: ao traduzi-lo, pode significar algo que ocorre gradativamente, mas também é atribuído a um processo de alisamento capilar. Evitar esse tipo de procedimento é uma questão muito debatida entre a negritude em prol da aceitação da textura natural dos fios.

Os termos *crackers*, *coons* and *crooks* foram alguns dos que mais demandaram atenção e pesquisa, porque são termos pejorativos, inseridos em contextos culturais específicos. A primeira solução encontrada foi pesquisá-los um a um, especialmente sua definição e contexto histórico. Por esse motivo, foi utilizado o *Urban Dictionary*, que contém significados de termos e expressões informais que não se encontram em dicionários comuns.

Crackers é um termo pejorativo utilizado para referir-se a brancos pobres, particularmente os que habitavam as regiões de Maryland, Virginia e Georgia durante o escravagismo, e a definição continuou como marca de oralidade dentro de um contexto afro-

americano para referir-se aos brancos que não possuem nenhum prestígio ou poder aquisitivo. Suspeita-se que seja uma versão reduzida de *whip-cracker*, que literalmente traduzido seria “estalador de chicote”, já que o trabalho exercido por eles envolvia um chicote. No Brasil diferentemente dos Estados Unidos em que o povo negro durante o *apartheid* era literalmente segregado da sociedade, causando as criações de espaços dominados para brancos e deixando o povo afro-americano a margem, sendo levados a conviver em escolas, igrejas e transportes entre si, a política de embranquecimento da população promovido pelo estado para impedir que a população negra se tornasse maioria fez com que seja comum em um contexto brasileiro em que pessoas negras e pessoas brancas podem habitar o mesmo local de ausência de prestígio e de poder aquisitivo, pois não há explicitamente no Brasil bairros ou lugares restritos a grupos étnicos específicos. Por esse motivo, a tradução “brancos pobres” localiza o sujeito branco que também exerce uma força de certa forma “braçal”, ou servil, mas que também pode promover estereótipos racistas uma vez em que apenas vivencia uma realidade de desigualdade social, mas não racial; e mesmo que possa habitar os mesmos espaços de pessoas negras, não sofrerá a mesma violência causada pelo racismo estrutural.

O termo *coons* é uma versão reduzida da palavra “*raccoon*”, que, traduzida literalmente, seria grafada como “guaxinim”. Esse termo é ofensivo quando utilizado racialmente para pessoas negras, desumanizando-as. Por esse motivo, a tradução para esse termo foi “macaco” – ofensa de natureza racial de carga histórica na língua portuguesa, utilizada para subjugar e animalizar pessoas negras. No Brasil, são diversos os relatos de violências sofridos por pessoas negras que são animalizados em diversos ambientes, desde os ambientes de trabalho, como as violências cotidianas. Um exemplo dessa violência racial sofrida em ambientes de trabalho é o caso sofrido pelos jogadores de futebol Neymar e Aranha, que sofreram essa ofensa racista em pleno campo de futebol. Além de utilizar o termo pejorativo em si, também são feitas alusões à figura animalésca em questão, jogando bananas e imitando uma caricatura racista baseada na premissa da pessoa negra como uma de intelecto superior, segundo Hooks. Esse arquétipo e estereótipo racista do termo “macaco” assemelha-se nitidamente a violência infligida aos afro-americano através de criações de estereótipos animalésacos racistas como o *Jim Crow*, que representa o sujeito negro como um animal sem intelecto e nem escrúpulos, até os outros termos que tem a mesma função de desumanizar e animalizar uma pessoa, como *spooks*(fantasmas) e *coons*(guaxinins), que serão analisados no próximo parágrafo.

O termo *spooks* é também uma ofensa racista utilizada para pessoas negras, associando-as a “figuras fantasmagóricas”, assustadoras e que não podem ser vistas. Para esse termo, a

tradução foi “negrinho”, que, assim como *spook*, é uma forma de coisificar uma pessoa e torná-la sem nome, traço evidente do racismo presente em diversas sociedades.

Tratando novamente da perspectiva de Reiss (1971) sobre os tipos de texto, constata-se que o uso de termos pejorativos tem função apelativa no texto, uma vez que provocam reações específicas no leitor, como desconforto e espanto, devido à sua natureza ofensiva.

Alguns dos termos de aspecto racial são oriundos de um contexto cultural específico, assim como os termos dispostos no parágrafo anterior. *Miss Ann* tem carga histórica e cultural e é utilizado dentro da comunidade afro-americana para descrever mulheres brancas que agem de forma arrogante e soberba, sobretudo em relação às questões raciais.

Para a tradução desse termo, foi utilizado “Princesa Isabel”, porque demarca o mesmo título de “prestígio”, de *miss* a “princesa”, e associa os nomes próprios expressos, de *Ann* a “Isabel”. A domesticação do termo *Miss Ann* foi estratégia para manter na tradução o componente histórico e o efeito de ironia empregada no uso desse termo.

A próxima expressão mostrada no quadro é *(to) put on airs*. Segundo o dicionário Merriam-Webster (2021), significa “agir de maneira que demonstre que você imagina ser melhor que outras pessoas” (tradução autoral). Na tradução, a expressão idiomática utilizada descreve uma pessoa que adota postura de arrogância e superioridade. A função, nesse caso, é expressiva, bastante utilizada por Hooks (1995).

No termo *mainstream mass media*, adotou-se o estrangeirismo *mainstream* em itálico, por ser um termo amplamente utilizado em textos na língua portuguesa. Sua definição é, inclusive, disposta em dicionários como o Priberam, para o qual seria “uma corrente cultural ou ideológica que é mais divulgada ou dominante em determinado local e período”.

Quadro de termos

Texto original	Texto traduzido
Plantation “Meanwhile back at the plantation (...)”	<i>Plantations</i>
Backlash	<i>Backlash</i>

“Despite backlash and/or the appropriation of a public rhetoric that denounces sexism(...)	
Incubus	demônio
Apartheid	<i>Apartheid</i>
Painstakingly	Cuidadosamente

O primeiro termo *plantation* consistia em um sistema de produção que utilizava força de trabalho escravo. Nesse caso, é relevante utilizar o estrangeirismo e manter o mesmo termo em itálico, o que pode, inclusive, causar diferentes efeitos no leitor, como o reconhecimento da palavra³. Ainda que o leitor desconheça o seu significado, a manutenção do termo original é relevante para o sentido global do texto e para o objetivo de fomentar o debate racial e inserir o termo na leitura do público-alvo.

O termo *backlash* também foi mantido na língua inglesa em itálico, por se tratar de estrangeirismo já recorrente em textos na língua portuguesa que analisam feitos sociais e políticos.

O termo íncubo (*incubus*, do latim: que se deita sobre/dentro) é um elemento da mitologia romana referente à sexualidade. É um mito popular sobre uma figura diabólica que se deita sobre pessoas quando estão dormindo e tem relações com elas, drenando as suas energias. Apesar de cogitar a tradução “íncubo”, que seria literal, preferiu-se traduzir o termo de forma mais geral, como “demônio”, uma vez que as características pessoais do íncubo não são o foco desse trecho, e sim a maldade atribuída a essas figuras.

O estrangeirismo empregado no termo *apartheid* adota a mesma estratégia da tradução do termo *plantations* – familiarizar o leitor do texto de chegada com termos relevantes para o debate racial, compreendendo o contexto do texto de partida.

O termo *painstakingly* foi traduzido para “cuidadosamente”. Pela definição do dicionário Cambridge, consiste em algo feito “com cuidado e corretamente, envolvendo bastante esforço” (tradução autoral). Logo, a tradução para “cuidadosamente” foi uma estratégia utilizada para manter o mesmo sentido de algo feito meticulosamente, com cautela.

³ Utilizada em inglês e eventualmente em textos na língua portuguesa sobre a questão racial e eventos históricos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar, a partir de uma reflexão sobre a teoria funcionalista, a tradução de quarenta laudas da obra *Killing Rage* ao debate étnico de gênero, que tem se mostrado a cada dia mais necessário. É que o desinteresse das editoras grandes em traduzir obras de intelectuais negras é tão nítido quanto a relutância da sociedade em dar voz para essas partes.

Os objetivos específicos foram, a partir da tradução proposta, refletir e pesquisar sobre os termos em que houve dificuldade de compreensão e os que possuem significados culturais e históricos e que, por isso, demandaram uma avaliação e um relatório mais criteriosos. Além de relatar os processos tradutórios que ponderam a tradução tanto como um produto, quanto como um processo, perfilharam-se também as teorias específicas da tradução, como Vermeer (1978), Reiss (1971), Bassnett e Lefevere (1998), Nord (1997), Lefevere (2007), entre outros.

Assim como a obra *Killing Rage* propõe a raiz do debate racial e de gênero em prol da luta antirracista, espera-se que esta pesquisa incentive editoras a publicar e traduzir autores e autoras negros dentro dos mais variados campos do mercado literário. A escassa tradução de autoras negras que tratam sobre raça e gênero reafirma a crescente necessidade e a importância de se traduzirem essas obras, porque as editoras têm forte influência no processo de democratizar o sistema literário. A tradução deve ser focada na democratização para que as vozes sejam diversificadas, opondo-se à centralização da voz totalitária, geralmente branca e masculina, que ocupa os espaços de voz e poder.

Almeja-se também motivar outros alunos a traduzir, estudar e pesquisar obras de autores e autoras negras, para que venham acrescentar à produção de material intelectual disposto a fomentar o debate antirracista.

É preciso expandir a visibilidade da perspectiva da mulher negra em uma sociedade ainda tomada pela hegemonia cultural e por sistemas de opressão, que a colocam na base da pirâmide da sociedade, impondo-lhe os estigmas gerados pelo sexismo e pelo racismo. Reverberar vozes negras é passo válido e importante em rumo à descentralização de vozes brancas e hegemônicas na sociedade e no mercado literário.

REFERÊNCIAS

- BAKER, Mona. **In Other Words: A coursebook on Translation**. London: Routledge, 1992.
- BASSNETT, Susan. **Estudos de Tradução**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- _____. **Translation Studies**. London: Routledge, 1980.
- BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. **Translation, History and Culture**. London: Printer Publishers, 1990.
- BÜHLER, K. **Sprachtheorie. Die Darstellungsfunktion der Sprache**. Stuttgart: Gustav Fischer Verlag, 1934.
- COSTA, Andréa Moraes da. **Patronagem: um diálogo entre os estudos de tradução e os estudos culturais**. Anais do SILEL. Vol. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- HOLMES, James S. **The Name and Nature of Translation Studies**. In: HOLMES, James S. *Translated: Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, pp. 66-80, 1988.
- KILOMBA, G. **The Mask**. In: *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.
- BASSNETT, Susan. **Estudos da Tradução, Fundamentos de uma disciplina**, 2003.
- LEFEVERE, Andre. **Tradução, Reescrita e Manipulação da fama literária**. Tradução de Cláudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.
- MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies**. Abingdon: Routledge, 2016.
- NORD, Christiane. **Function plus Loyalty: Ethics in Professional Translation**. *Genesis Revista Científica do ISAG*, v. 6, p. 7 – 17, 2007.
- NORD, Christiane. **Loyalty revisited: Bible translation as a case in point**. *The Translator*, v. 7, n° 2, pp. 185 – 202, 2001.
- NORD, Christiane. **Translation as a Purposeful Activity**. Manchester: St Jerome, 1997.

NIDA, E. **Language, culture and translating**. Shanghai: Foreign Language Press, 1993.

PONTES, Valdecy de Oliveira; PEREIRA, Livya Lea de Oliveira. **O modelo Funcionalista de Christiane Nord aliado ao dispositivo de Sequências Didáticas: norteamentos para o Ensino de Tradução**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 25, n. 4, p. 2127-2158, 2017. Disponível em http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26455/1/2017_art_vopontes.pdf. Acesso em 19 out. 2021.

REISS, Katharina. **Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik**. Munich: M. Hueber, 1971.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. **Towards a General Theory of Translational Action Skopos Theory Explained**. New York: Routledge, 1984. Disponível: em http://traduttologiageneralenz.pbworks.com/w/file/attach/139448655/Katharina%20Reiss%20%20Hans%20J%20Vermeer%20-%20Towards%20a%20General%20Theory%20of%20Translational%20Action_%20Skopos%20Theor.pdf. Acesso em 19 out. 2021.

MARTINS JUNIOR, Winston Carlos. SAVEDRA, Mônica. **A tradução especializada e a tradução jurídica**. Anais do IX Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF, n. 1, 2018.

SCHÄFFNER, Christina (Ed.). **Translation And Quality**. Philadelphia: Multilingual Matters, 1998.

SUE, Derald Wing. **Race talk and facilitating difficult racial dialogues**, Counseling Today, 2015. Disponível em <https://ct.counseling.org/2015/12/race-talk-and-facilitating-difficult-racial-dialogues/>. Acesso em 19 out. 2021.

MERRIAM-WEBSTER.COM, **Dictionary**, Merriam-Webster, 2021. Disponível em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/put%20on%20airs>. Acesso em 19 out. 2021.

VENUTI, L. **Escândalos da Tradução**. Trad. Laureano Pelegrin et all. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

VERMEER, H. J. **Ein Rahmen für eine allgemeine Translationstheorie**. Heidelberg, Lebende Sprachen, Vol. 23, n. 3, p. 99-102, 1978.

VERMEER, Hans Josef. **Translation today: Old and new problems.** In: SNELL-HORNBY, M.; PÖCHHACKER, F.; KAINDL, K. (eds) *Translation Studies: An Interdiscipline.* Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1996.

TEZCAN, Tuncay. **Applicability of translation criticism approaches to different text types.** 2015. 152f. Masters Thesis (Translation and Interpreting) – Hacettepe University Graduate School of Social Sciences, Ankara, 2015.

WILSS, W. **The Science of Translation. Problems and Methods.** Tübingen: Gunter Narr, 1996.